

Da pandemia à xawara: mapeamento das notícias de TV a partir do jornalismo em equívoco

Evandro José Medeiros Laia^{1,*}, Fernando de Souza Neto²

¹Doutor em Comunicação pela UFRJ, professor do curso de Jornalismo da UFOP, pesquisador associado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, co-fundador do Observatório jornalismo(S) (youtube.com/jornalismsos).

²Mestrando em Antropologia pela UFPA, membro do Observatório jornalismo(S), bacharel em Jornalismo pela UFOP.

* E-mail do autor correspondente: evandro.medeiros@ufop.edu.br.

Submetido em: 21 dez 2021. Aceito em: 19 abr. 2022

Resumo

Neste artigo, mapeamos a cobertura do noticiário de TV sobre a pandemia da Covid-19, usando como lente a teoria do jornalismo em equívoco, em um trabalho de observação realizado a partir das formas comunicacionais dos povos originários no Brasil, principalmente a ideia do Perspectivismo Ameríndio. Cartografamos equívocos que emergem da cobertura da pandemia, no recorte de dois programas jornalísticos: o Fantástico, da TV Globo e o Domingo Espetacular, da Record TV, em edições exibidas entre março e julho de 2020. Pensando em equívoco como dois mundos expressos pela mesma palavra, demarcamos como a palavra “pandemia” precipitou diferentes mundos. Como resultado, notamos que os dois programas se constituem como perspectivas divergentes sobre a pandemia, evidenciando que, de fato, em mundos diferentes, uma mesma palavra tem significados diversos. Entendemos, a partir desta aplicação, que o jornalismo em equívoco não opera dicotomias, mas funciona de modo gradiente; é possível medir graus de equívocos, por isso mesmo, uma terceira perspectiva, a do presidente Jair Bolsonaro, impôs-se, ao longo do material observado, como um terceiro modo de entender a palavra pandemia, divergente e ao mesmo tempo convergente com as outras duas.

Palavras-chave: jornalismo, equívoco, Perspectivismo Ameríndio, cartografia, pandemia

Abstract

From pandemic to xawara: mapping the TV news from journalism in equivocation

In this paper, we map the coverage of the TV news about the Covid-19 pandemic, using the theory of journalism in equivocation as a lens, in an observation work carried out from the communicational forms of native peoples in Brazil, mainly the idea of Amerindian Perspectivism. We mapped equivocations that emerged from the coverage of the pandemic, in the clipping of two journalistic programs: Fantástico (TV Globo) and Domingo Espetacular (Record TV), in editions shown between March and July 2020. Thinking about equivocation as two worlds expressed by the same word, we demarcate how the word “pandemic” precipitated different worlds. As a result, we noticed that the two programs constitute themselves as divergent perspectives on the pandemic, showing that, in fact, in different worlds, the same word has different meanings. We understand, from this application, that journalism in equivocation does not operate dichotomies, but works in

a gradient way; it is possible to measure degrees of equivocation, for this reason, a third perspective, that of President Jair Bolsonaro, imposed itself, throughout the material observed, as a third way of understanding the word pandemic, divergent and at the same time convergent with the others two.

Keywords: journalism, equivocation, Amerindian Perspectivism, cartography, pandemic

Introdução

A máquina do mundo

No início, o criador, Omama, enterrou a *xawara*, a fumaça das epidemias, debaixo do chão. Assim, as doenças ficariam presas no fundo da terra para sempre, e não infectariam as pessoas. Mas com uma condição: que não jogassem a floresta no chão, para escavar a terra em busca do ouro. A busca pelo ouro, a mineração, a destruição de *urihi-a*, a terra-floresta, é a causa das epidemias de *xawara* (KOPENAWA; ALBERT, 2015). No fim de 2019, alguns casos de uma pneumonia misteriosa surgiram na China. Logo depois, descobriu-se que a pneumonia era causada por um novo coronavírus, o Sars-Cov-2. No dia 11 de março de 2020, a OMS decretou a pandemia causada por esse vírus. Acredita-se que o novo coronavírus, como os outros da mesma família, seja uma zoonose, que passou para os humanos através de um hospedeiro intermediário. Embora as causas ainda não estejam explicadas, isso pode ter ocorrido pela destruição dos ecossistemas, que diminui o habitat de animais silvestres e os coloca mais próximos da população humana.

Tanto na cosmologia yanomami quanto na moderna cosmologia ocidental, a explicação é quase a mesma para o surgimento do vírus: o desequilíbrio ambiental, causado pela destruição das florestas, dos ecossistemas, de *urihi-a*. A *xawara*-coronavírus interligou duas cosmologias totalmente diferentes, não apenas por ter afetado o planeta inteiro, mas por ser explicada de formas semelhantes. Mas não foi só isso que a pandemia

interligou entre a ciência ocidental e os conhecimentos yanomami. E não foi apenas entre os yanomami e os cientistas ocidentais que houve ligações.

É sugestivo que Bruno Latour (1994) tenha começado seu livro *Jamais fomos modernos* com a análise de um jornal. Com essa análise, ele apresenta uma problemática que será desenvolvida no decorrer do livro, bem como constata uma hipótese: os acontecimentos que o jornal noticia são multitemáticos, ligando diversos campos do saber e diferentes setores da sociedade. O mundo não acontece por editoriais. No entanto, cada um desses campos e desses setores corta a linha com que o acontecimento os costura, e no jornal tudo aparece assim: picotado. Para ele, o mundo moderno se caracteriza pela tripartição entre natureza, cultura e discurso. Essa tripartição dos saberes, dos poderes e das práticas é o que ele chama de “crítica”, e foi decretada pelo que ele chama de “Constituição”, que aconteceu, ainda segundo ele, no século XVII.

O contrário disso é o mundo pré-moderno, onde se situa não apenas o passado da cultura ocidental, mas também o presente de culturas não ocidentalizadas. Ao contrário dos modernos, entre os povos pré-modernos não há separação alguma, seu mundo é homogêneo: o antropólogo “é perfeitamente capaz de juntar em uma mesma monografia os mitos, etnociências, genealogias, formas políticas, técnicas, religiões, epopéias e ritos dos povos que estuda” (LATOURE, 1994, p. 12). Para os povos ameríndios, não há uma natureza e uma cultura, e sim uma natureza-

cultura: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (KRENAK, 2019, p. 10). Essa junção entre natureza e cultura é o que Latour chama de rede sociotécnica: um emaranhado de conexões, um labirinto, um rizoma. A rede sociotécnica é uma proposta conceitual que abarca humanos e não humanos, em pé de igualdade ontológica, em contraposição às ideias clássicas de sociedade, na qual humanos lidam com humanos de modo separado da natureza, na qual todos os outros seres, inanimados, se organizam numa vida regida em torno do elemento humano.

Latour (1994) apresenta algumas características dessa rede. Nela não há transcendência e nem metafísica, mas sim uma ontologia plana, sem hierarquias, tudo participando da rede a partir de um mesmo plano de imanência. A rede sociotécnica não distingue humanos e não humanos: seres vivos, aparelhos tecnológicos e outros atores são igualmente partes integrantes. Não há pontos fixos nem essências: tudo é fluxo, tudo está em constante devir. Numa rede sociotécnica, apenas quando surge o imprevisto é que é possível ver a sua estrutura reticular, seus nós em detalhe, não como um bloco homogêneo, indivisível, mas como um devir. Tomamos a pandemia como um desestabilizador da rede sociotécnica jornalismo e propomos observar os rastros deste deslocamento a partir da observação de dois programas semanais, de duas diferentes emissoras, em edições exibidas entre os meses de março e julho de 2020: o Fantástico, da TV Globo e o Domingo Espetacular, da Record TV.

Abordamos o jornalismo como uma rede sociotécnica (LAIA, 2016), fruto das relações complexas entre atores humanos e não humanos, suscetível a reconfigurações, à medida que novos

atores entram na rede e a desestabilizam temporariamente. O que nos parece uma proposta bem adequada para pensar a cobertura da pandemia na TV, cujas configurações, como rede, estão marcadas por uma série de atores não humanos, como o próprio vírus Sars-Cov-2. De acordo com Latour (1994), toda a compartimentalização dos saberes, dos poderes e das práticas da cultura moderna é uma ilusão: quanto mais se separa, mais os híbridos se proliferam. “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 25). Portanto, não somos modernos. No livro de Latour, a caixa-preta da modernidade “abriu-se majestosa e circunspecta” (ANDRADE, 2018, p. 105), mostrando “essa total explicação da vida/esse nexos primeiro e singular/que nem concebemos mais, pois tão esquivo/se revelou ante a pesquisa ardente/em que te consumiste” (ANDRADE, 2018, p. 106).

Material e Métodos: O jornalismo em equívoco

De acordo com Latour (1994), há dois mecanismos que constituem a modernidade: a purificação e a mediação. A purificação é moderna: é o corte epistemológico, a compartimentalização, a essência. Já a mediação é pré-moderna: é a rede estendendo seus tentáculos, onde as coisas não são o que elas são, e sim as relações que elas estabelecem dentro da rede. Em seu livro *A Invenção da Cultura*, Roy Wagner (2010) apresenta um par de conceitos bastante semelhantes: o modo coletivizante e o modo diferenciante. Para Roy Wagner, toda cultura é invenção, mas para ser comunicada, essa invenção precisa de um conjunto de signos

compartilhados. O que difere, no entanto, é a proporção com que esses signos convencionalizados estão presentes em diferentes povos. Entre os povos ocidentalizados, a predominância é do coletivo, e assim a comunicação se dá principalmente entre a convenção. Entre os povos não ocidentalizados, a comunicação ocorre justamente entre signos diferentes, é o que escapa, o que foge da convenção. É a diferença que comunica.

Uma radicalização dessas ideias pode ser vista na teoria do perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro. De acordo com ele, alguns povos ameríndios consideram a alma, mais precisamente a alma humana, um universal. “Esta cosmologia imagina um universo povoado por diferentes tipos de agências subjetivas, humanas assim como não-humanas, cada uma dotada com o mesmo tipo genérico de alma, isto é, do mesmo tipo de capacidades cognitivas e volitivas.” (CASTRO, 2018, p. 251) Os animais têm alma, e só se diferem de nós pelo corpo. No entanto, os animais enxergam a si próprios como humanos, e enxergam os humanos como animais. Viveiros de Castro cita uma anedota que bem ilustra o conceito:

Aqui tenho em mente o tipo de mito onde, por exemplo, o protagonista humano se perde nas profundezas da floresta e chega a um estranho vilarejo. Ali os habitantes convidam-no a beber um cabaço refrescante de “caxiri”, que ele aceita entusiasmadamente, e para sua horrorizada surpresa, seus anfitriões o apresentam com um cabaço quase transbordando de sangue (CASTRO, 2018, p. 254).

O protagonista humano, perdido na floresta, perdeu-se também em outras perspectivas: “depois de ser capturado por outro ponto de vista, o humano passa a ver os outros animais como pares, como humanos também” (LAIA, 2016, p.

190). O que a onça chama de “caxiri”, um tipo de cerveja de mandioca, uma bebida agradável e refrescante, o homem chama de sangue. São duas coisas diferentes, chamadas pelo mesmo nome, em perspectivas distintas.

Essa teoria é interessante porque, dentre outras, rompe com os padrões que a antropologia apresentava até então. A ontologia moderna estabelece a natureza como um referente único; o que difere são as epistemologias, os modos de vê-la. Alguns povos ameríndios, que inspiraram a criação do conceito, têm uma perspectiva diferente: “não uma pluralidade de visões do mesmo mundo, mas uma visão única de mundos diferentes” (CASTRO, 2018, p. 251). Se um símbolo, uma palavra (“caxiri”) referências duas coisas totalmente distintas em perspectivas diferentes (a da onça; a do humano) existe aí um *equivoco*. São duas naturezas, duas coisas diferentes, unidas por uma única cultura, ou linguagem. E, ao contrário das pretensões de análise e de explicação, típicas na antropologia, Viveiros de Castro propõe um outro processo, que dê conta do *equivoco*: a tradução, no sentido latouriano.

A equivocação não é aquilo que impede a relação, mas aquilo que a funda e a impulsiona: uma diferença de perspectiva. Traduzir é presumir que uma equivocação já existe; é comunicar por diferenças, ao invés de silenciar o Outro presumindo uma univocalidade - a similaridade essencial - entre o que o Outro e Nós estamos dizendo (CASTRO, 2018, p. 255).

Entre perspectivas diferentes, o mesmo discurso terá significados diferentes. Não que seja um engano: quando a onça diz “caxiri”, ela não está enganando o homem, nem este interpretou mal aquela. São, de fato, duas coisas diferentes, duas perspectivas reais, expressas pela mesma palavra. “Traduzir é enfatizar ou potencializar a

equivocação.” (CASTRO, 2018, p. 254-255). O processo de tradução é o que leva em conta não a diferença de linguagens, mas a diferença de coisas. Na tradução, os significados convencionalizados (Roy Wagner) e a purificação (Latour) não são requisitos para a comunicação. Pelo contrário, “a diferença é, portanto, uma condição da significação e não um impeditivo” (CASTRO, 2018, p. 262).

O jornalismo em equívoco (LAIA, 2016) utiliza alguns dos pressupostos de Viveiros de Castro e também os conceitos apresentados anteriormente para afirmar o jornalismo como um tipo de tradução. Para que a comunicação aconteça, é preciso transitar entre as diversas realidades, as distintas perspectivas, traduzindo-as e deformando-as. Nesse sentido, o jornalismo em equívoco é uma produção em processo de (re)invenção constante (LAIA, 2016). Como o xamã, o jornalista é aquele que pode passar de uma perspectiva a outra, sem ser capturado, e depois voltar para traduzir as realidades.

Para chegar a essa concepção e utilizá-la, é necessário antes desconstruir o jornalismo essencial, cristalizado. O jornalismo tradicional é uma construção moderna, e “desdobrou-se em um modelo a partir dos ideais Iluministas que marcaram a Modernidade, a divisão ontológica fundamental entre sujeito e objeto: os homens-entre-eles e as coisas-em-si” (LAIA, 2016, p. 174). Essa separação entre sujeito e objeto, segundo Latour (1994), nada mais é que um desdobramento da separação inicial, entre cultura e natureza. Como construção moderna, o jornalismo tradicional se insere no meio da ciência, ou seja, da natureza. Assim, ele pretende ser um espelho da realidade, longe de qualquer subjetividade, ideologia ou interesse.

Dessa forma, o jornalismo compartilha com a ciência seu *modus operandi*, incluindo o

“paradigma objetivista”, no qual “a aprendizagem envolve adquirir o conhecimento das coisas por meio da separação do conhecedor e do conhecido” (BIRD-DAVID, 2019, p. 125). Nas palavras da antropóloga Nurit Bird-David:

Para estudar, por exemplo, a floresta tropical (...) os botânicos, dessa tradição epistemológica, cortam uma faixa de árvores com machado, classificam a vegetação recortada em espécies, colocam pedaços característicos de cada espécie em sacos pequenos e levam-nos para fora da floresta, a um herbário para proceder a classificação botânica (BIRD-DAVID, 2019, p. 125-126).

Ou seja, o conhecimento é construído a partir do corte epistemológico, objetificando o fenômeno estudado, retirando dele toda a subjetividade. O jornalismo como o conhecemos procede assim e, para alcançar a suposta imparcialidade, objetifica os fatos e os personagens. A tradição modernista está tão presente no jornalismo que a pesquisa para a construção da notícia se chama “apuração”, tornar puro, proceder pelo método de “purificação”, que, como já vimos, é o corte epistemológico na linguagem de Latour (1994).

Nurit Bird-David defende a ideia de que o método de conhecimento dos Nayaka, povos caçadores-coletores do sul da Índia, entre os quais ela fez sua vivência etnográfica, é diferente. Para os Nayaka, o conhecimento se dá pela subjetividade: “falar com árvores” e não cortá-las. O jornalismo em equívoco não apura nada, não purifica, não corta o que ele pesquisa; muito pelo contrário, ele fala com árvores, entra em devir com os personagens, se transforma um pouco neles, como o xamã: é um trabalho de “apiração”, no sentido de rejeitar o método de pesquisa moderno, baseado sobretudo na racionalidade. Em um

poema, Manoel de Barros (2009) desracionaliza sobre de um modo que nos interessa aqui:

No descomeço era o verbo./Só depois é que veio o delírio do verbo./O delírio do verbo estava no começo, lá onde a/criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos./A criança não sabe que o verbo escutar não funciona/para cor, mas sim para som./Então se a criança muda a função de um verbo, ele/delira (BARROS, 2009, p. 15).

Se a separação dos sentidos pode ser pensada como uma espécie de crítica, de purificação, a sinestesia da criança é uma tradução. O delírio do verbo é o *equivoco*: dois sentidos, audição e visão, definidos pela única palavra “escutar”.

O jornalismo em equivoco não trabalha por meio da racionalidade, do repertório comum, do modo coletivizante. O jornalismo tradicional pretende levar os fatos ao conhecimento de todos pela luz da razão. Quer ser, de uma certa forma, o arauto da realidade, que explica às pessoas o que elas não sabem. Quer refletir a realidade, como um espelho. Para o jornalismo em equivoco, no entanto, é impossível refletir a realidade, pois as realidades são várias. O *equivoco* sabe que o que há não é uma verdade e distintos graus de compreensão dela, “não uma pluralidade de visões do mesmo mundo, mas uma visão única de mundos diferentes” (CASTRO, 2018, p. 5). Há significados demais para poucas palavras. O escritor argentino Jorge Luis Borges, no conto *A Biblioteca de Babel*, exemplificou o conceito:

Un número n de lenguajes posibles usa el mismo vocabulario; en algunos, el símbolo biblioteca admite la correcta definición ‘ubicuo y perdurable sistema de galerías hexagonales’, pero biblioteca es ‘pan’ o

‘pirámide’ o cualquier otra cosa, y las siete palabras que la definen tienen otro valor. (BORGES, 1944, p. 41-42)

Os equívocos são as arestas do rizoma recém-cortado, as pontas estioladas da rede decepada. Pois um conceito, digamos o de jornalismo, não é uma essência, e sim um devir, um agenciamento. O jornalismo em equivoco é aquele que refaz a rede, o rizoma; aquele que reata o “nó górdio” do labirinto decepada. “O equivoco aqui é justamente o abandono da compreensão do equivoco” (GUIMARÃES; LAIA, 2014, p. 4315). Como disse Borges, “tú, que me lees, ¿estás seguro de entender mi lenguaje?” (BORGES, 1944, p. 42).

Se o jornalismo em equivoco é um jornalismo diferenciante, ele não é uma essência. É um jornalismo em devir, um conceito não cristalizado, que se reinventa o tempo todo. Trata-se de uma rede-jornalismo, que está em constante mudança e conexão. As redes existem o tempo todo, mas permanecem aparentemente escondidas. No entanto, as redes se mostram, geralmente, nos momentos de controvérsia: acontecimentos que desestabilizam a ordem e a cristalização: a dicotomia natureza e cultura (LATOURE, 1994); a entrada dos midiativistas e do telefone celular no mundo do jornalismo (LAIA, 2016); ou, como propomos aqui, a chegada da pandemia ao noticiário de televisão, a partir de março de 2020. Esses acontecimentos são como um sismo, que sacode e faz rachar a superfície imóvel do mundo, tornando visíveis as redes e os híbridos que subjazem às essências. A caixa-preta se abre, a máquina do mundo se mostra, e permite observar seu funcionamento, suas engrenagens, sua localização dentro da rede.

Uma vez que em uma rede tudo é móvel e instável, principalmente durante os períodos de

controvérsia, é necessário um método de pesquisa que permita o estudo não do fato, mas do movimento. Nesse sentido, o melhor método possível é o cartográfico, pois seu objetivo é “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57). Some-se a isso o fato de que, para estudar acontecimentos em curso, que ainda não terminaram e que podem obter novos desdobramentos, o método científico moderno não funciona, pois ele visa “isolar o objeto de suas articulações históricas” e de “suas conexões com o mundo” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57). Portanto, o método cartográfico é o método de análise escolhido.

Por fim, como material, escolhemos duas revistas eletrônicas de grande audiência no país, de duas empresas midiáticas diferentes: o Fantástico, exibido pela Globo, e o Domingo Espetacular, da Record. Escolhemos esses programas por serem semanais. Uma vez que a pandemia é medida em semanas epidemiológicas, acreditamos que com programas semanais é possível acompanhar melhor o avanço do coronavírus. As edições observadas foram as primeiras após o início da pandemia, ou seja, nos dias 15, 22 e 29 de março e 05 de abril; nos dias 10, 17, 24 e 31 de maio; e nos dias 05, 12, 19 e 26 de julho. Escolhemos, basicamente, o mês de março, maio e julho, saltando os meses de abril e junho. Resolvemos saltar esses períodos para obter um panorama mais espaçado, para que nossa pesquisa pudesse mapear o desenvolvimento da pandemia ao longo de seus primeiros meses.

Resultados e Discussão: Mapeamento de equívocos

Depois de decretada a pandemia, o Fantástico dedicou as primeiras edições exclusivamente à cobertura desta controvérsia. A estrutura de editorias foi, em alguma medida, mantida, mas a pandemia tomou conta de tudo, fazendo um trabalho de entrecruzamento em que esporte e saúde, entretenimento e política se misturam. O coronavírus infectou todos os assuntos, expôs a rede que os interliga. A cobertura da pandemia que o Fantástico realizou demonstra a rede sociotécnica, o rizoma. Por não seguir os cortes, por não purificar, o Fantástico se aproximou, nesse sentido, de um jornalismo que opera por tradução, um jornalismo diferenciante, um jornalismo em equívoco. Mas só nesse sentido.

Caminho oposto tomou o Domingo Espetacular, principalmente no primeiro dia observado. Em 15 de março de 2020 (PROGRAMA, 2020a), grande parte das matérias exibidas não tinham relação direta com o tema. As editorias foram mantidas, o que entendemos que impediu que a estrutura reticular se mostrasse, mantendo o caráter homogêneo do programa. Menos da metade do programa foi dedicada à pandemia. Foram exibidas reportagens sobre um hambúrguer de coxinha, sobre vaqueiros e sobre a prisão de Ronaldinho Gaúcho. Manteve-se um quadro sobre alimentação, em que foram abordados “mitos e verdades” sobre o consumo da pera. Há, portanto, um *equívoco* entre o Domingo Espetacular e o Fantástico: para os dois programas, o coronavírus não era a mesma coisa.

A divergência entre o Fantástico e o Domingo Espetacular começou nesta data e continuou durante todo o período analisado. A partir da primeira edição, por exemplo, iniciou-se uma divergência com relação à forma de apresentar as

informações do boletim epidemiológico: o Fantástico (2020a) noticiava o número de casos e número de mortes, diários e acumulados; o Domingo Espetacular (PROGRAMA, 2020a), além dessas informações, noticiava também, e frisava, o alto número de curados. O Fantástico assumiu um tom pessimista, como se noticiasse uma das maiores tragédias da história do Brasil e do mundo. Já o Domingo Espetacular fez uma cobertura bem mais leve, como se a pandemia fosse uma doença pouco grave, como se ela já estivesse indo embora, como demonstrava, supostamente, o alto índice de curados.

O número de casos de infectados sem complicações tem sido, ao longo da pandemia, sempre maior que o número de mortos, o que, sem a devida explicação, pode confundir quem é leigo no assunto, especialmente se esta informação não é comparada, por exemplo, com o número relativo de mortos em outras epidemias. Porém, o que percebemos é que esta estratégia de jogar com os números, antes de figurar como uma decisão editorial da Record TV (e talvez até mesmo por este motivo) foi usada pelo Ministério da Saúde na divulgação dos primeiros boletins epidemiológicos utilizados como referência, inclusive, pela imprensa¹, como mostram as informações do Painel Coronavírus, site criado pelo Ministério da Saúde para atualização dos dados sobre a pandemia (CORONAVÍRUS, s.d.). “Se os jornalistas ‘fazem matérias’, eles são como deuses, eles constroem o mundo, mas disfarçadamente, fazendo parecer que este mesmo mundo é fruto de um mistério divino” (LAIA, 2016, p. 16). Logo, temos aqui um exemplo bem

acabado de um *equivoco*: em mundos diferentes, compostos de “matérias” diferentes, os mesmos números têm sentido diversos, uma questão de perspectiva. O ponto de vista cria o sujeito e não o contrário, como nos ensina o Perspectivismo Ameríndio. O foco no número de curados cria uma narrativa diversa daquela que destaca o número de óbitos.

Esse *equivoco* continua ao longo do tempo. No dia 17 de maio, enquanto o Fantástico (2020b) exibia no programa um quadro com famosos homenageando as vítimas do coronavírus, o Domingo Espetacular (PROGRAMA, 2020b) exibiu uma reportagem intitulada “Empresas adotam protocolos de saúde para voltar à atividade no Brasil”. A reportagem claramente apoiava o retorno das atividades econômicas que haviam sido interrompidas ou diminuídas. No vídeo, são entrevistados empresários, gerentes e funcionários de empresas, mas nenhum infectologista, médico ou cientista. A pandemia foi tratada como uma questão econômica, mas não científica, reforçando a perspectiva da Record TV, que parecia coincidir, naquele momento, com o ponto de vista do Ministério da Saúde, por consequência, do Governo Federal.

Mais uma vez, a divergência entre os dois programas se evidencia nas edições do dia 12 de julho. O Domingo Espetacular exibiu a reportagem “Carolina Ferraz mostra a adaptação dos restaurantes para reabrir em meio à pandemia” (CAROLINA, 2020), que mostra as medidas de segurança que foram tomadas, e entrevista donos de restaurantes e clientes, mas nenhuma autoridade de saúde. A reportagem funciona

¹ A partir do dia 08/06/2020 a TV Globo deixou de usar o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde como referência. Depois de uma série de dificuldades impostas pelo Governo Federal para acesso aos dados antes do fechamento das edições, a emissora, assim

como os jornais O Estado de S. Paulo, O Globo, Extra, Folha de S. Paulo e os portais G1 e UOL, criaram o Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI), para informar dados da pandemia de COVID-19 no Brasil, em parceria com as secretarias estaduais de saúde. (CONSÓRCIO, 2021)

quase como um convite para os telespectadores voltarem a frequentar restaurantes. No mesmo dia, a matéria do Fantástico (2020c), “Fim de semana pelo Brasil foi de multas para quem não usou máscara”, mostra o desrespeito pelas medidas de contenção. O programa da Globo mostrou como, com a flexibilização de algumas medidas e a reabertura de alguns estabelecimentos, normas básicas e ainda vigentes, como o uso de máscara e o distanciamento, foram descumpridas, divergindo, flagrantemente, do ponto de vista da Record TV.

Outra pergunta que emergiu do mapeamento foi: o coronavírus é uma questão de saúde ou uma questão política? Sobre este *equivoco*, o Fantástico e, em menor escala, o Domingo Espetacular, estiveram, em maior ou menor grau, em consonância, ao lado da ciência. Bolsonaro ficou do lado da política. Todos, no entanto, purificaram a pandemia, entendendo-a como algo apenas científico ou apenas político, sem uma abordagem reticular. Para explicar isso, voltamos cronologicamente à primeira edição do Fantástico (2020b) depois do início da pandemia, no dia 22/03/2020, para lembrar da participação de um infectologista, tirando as dúvidas dos espectadores. A presença de um cientista no estúdio, o local a partir do qual o programa é exibido, é simbólica: demarcava o território do Fantástico como um espaço científico. Não haveria contradição, portanto, entre o que os apresentadores falassem e o que o infectologista dissesse. O que os apresentadores falassem, as reportagens que o programa exibisse, estaria sempre sob o aval do infectologista, da ciência.

Além disso, nas reportagens sobre Bolsonaro, o Fantástico deixou ainda mais evidente o lado que tomou, numa escalada de fatos paralelos à pandemia que atravessaram o noticiário. Ainda na edição do dia 22/03/2020, houve duas reportagens

seguidas sobre as manifestações pró-Bolsonaro. As manifestações, além de demonstrarem a falta de preocupação com o vírus, contaram com atos antidemocráticos, como pedidos de fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, além de pedidos de intervenção militar. Ou seja, além de demonstrarem insatisfação com a pandemia, negando as medidas até então recomendadas, mas não impostas, tiveram um forte teor político. Os repórteres e os apresentadores deixaram claro que as manifestações eram um risco à saúde pública. No texto de chamada da reportagem, o apresentador Tadeu Schmidt disse: “Infectologistas afirmam que evitar aglomerações neste momento é essencial para diminuir o risco de transmissão da doença” (FANTÁSTICO, 2020b). O repórter Vladimir Netto, ao noticiar que Bolsonaro participou de uma manifestação a seu favor em Brasília, disse:

Além da quantidade de pessoas, o presidente Bolsonaro desconsiderou outra recomendação fundamental dos médicos e autoridades nesse momento de pandemia: evitar contato direto: beijos, abraços e aperto de mão. Ao contrário, o presidente estendeu a mão, cumprimentou, pegou celulares, e fez selfies com o rosto colado a várias pessoas (FANTÁSTICO, 2020b).

Apesar das manifestações serem condenáveis do ponto de vista político, por exibirem pedidos antidemocráticos, as reportagens e os textos editoriais do Fantástico, naquele momento, ativeram-se apenas em julgá-las do ponto de vista da saúde pública, ou seja, da ciência.

Também houve outras purificações, mostradas nesta mesma reportagem. Para ficar em apenas um exemplo, que nos ajuda a contextualizar o momento, a matéria mostrou uma

publicação do deputado federal Marco Feliciano (2020), um dos principais apoiadores de Bolsonaro, em uma rede social: “Contra tudo e contra todos, contra todo o sistema que se mobilizou para impedir, AS MANIFESTAÇÕES PRÓ-BOLSONARO SÃO MANTIDAS EM 259 CIDADES!” Fica implícito, nessa postagem, que, para Marco Feliciano, a pandemia era apenas uma farsa política, e não um fenômeno científico, criada (lembremo-nos da ideia dos jornalistas como deuses, já explicada) para impedir as manifestações. O mesmo repórter mostra que Bolsonaro deveria, de acordo as orientações científicas do momento, estar de quarentena, depois de uma viagem aos Estados Unidos, na qual diversos membros da comitiva contraíram o vírus. Em entrevista, o presidente diz:

Apesar do meu teste ter dado negativo, eu não vou apertar a mão de vocês. Nunca tinha visto ali qualquer problema. Se bem que, para a imprensa que está ouvindo ali, tem um vírus aí que, se eu tivesse com ele ou não tivesse, não estaria sentindo nada (FANTÁSTICO, 2020b).

Além de negar a gravidade do vírus, nessa frase o presidente chega mesmo a negar a existência da pandemia, deixando subentendido que o vírus poderia ser uma invenção da imprensa.

Um terceiro *equivoco* que emergiu do mapeamento foi: o coronavírus expõe ao risco as vidas ou a economia? Também aqui há uma divergência entre o Fantástico e o Domingo Espetacular, e entre ambos e Bolsonaro. No dia 29 de março, em uma matéria do Fantástico (2020d) intitulada “Bolsonaro passeia por Brasília um dia após ministro da Saúde defender isolamento social”, o presidente diz:

Temos o problema do vírus? Temos, ninguém nega isso daí. (...) Agora, o emprego é

essencial. Essa é uma realidade. O vírus táí. Vamos ter que enfrentá-lo. Mas enfrentar como homem, pô, não como moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade, é a vida. Todos nós vamos morrer um dia (FANTÁSTICO, 2020e).

Em seguida, disse:

Vai condenar esse cara a ir pra dentro de casa? Ficar dentro de casa? Ele não tem poupança, não tem renda. A geladeira dele, se tiver, já acabou a comida. Ele tem que trabalhar, tem que sustentar sua família, tem que cuidar dos seus filhos” (FANTÁSTICO, 2020e).

E, por fim, terminou:

O cara quer trabalhar, meu Deus do céu, é crime trabalhar?” (FANTÁSTICO, 2020e).

O apresentador Tadeu Schmidt disse:

Bolsonaro afirmou que é contra o isolamento mais geral porque os trabalhadores precisam ganhar o seu sustento. Mas em outro momento lembrou que o governo e a Câmara aprovaram uma ajuda de 600 reais, por três meses, a pelo menos dois membros de cada família. Não comentou o que especialistas vem dizendo: que se essa ajuda é considerada insuficiente, cabe apenas a ele, presidente, aumentá-la de forma emergencial, como chefes de Estado de todo mundo vêm fazendo (FANTÁSTICO, 2020e).

Para o Fantástico, o mais importante é salvar vidas, mantendo as medidas de contenção do vírus, de acordo com a ciência. Para isso, é necessário que o governo dê um apoio financeiro, o auxílio emergencial, maior e mais abrangente. Para Bolsonaro, o mais importante é salvar a economia, mesmo que algumas pessoas morram, evitando evidenciar o número de mortos, assim como no boletim epidemiológico do Ministério da

Saúde. Mais uma vez temos aqui a ideia de que o ponto de vista cria o sujeito, em perspectivas diferentes, os mesmos números, as mesmas palavras, têm significados diversos.

Esses foram os principais pontos que surgiram durante nossa cartografia. Diferentes *equivocos* podem ser encontrados, e diferentes exemplos para cada um deles, de modo que este conjunto apresentado aqui constitui-se como uma mirada sobre o assunto, bem mais extenso e a ser explorado. Ao longo do mapeamento, vii 19 diferentes pontos de vista sobre a pandemia sobrepondo-se, numa disputa de sentidos. O coronavírus não é um problema científico, ou um problema político, ou uma questão de vida ou morte, ou um problema econômico: é tudo isso ao mesmo tempo. A pandemia é n-1, é xawara e é coronavírus, é tudo menos uma coisa só: “Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 27).

Alguns pontos importantes

A observação aponta para a construção de narrativas sobre a pandemia a partir de alguns eixos específicos, que se desenharam como dicotomias, ao longo das edições: *empresariado versus cientistas*, *empresariado versus autoridades de saúde*, *imprensa versus presidente*. Estas dualidades eclipsam o caráter reticular da rede jornalismo, porém, mesmo que de relance, transversalmente, deixam escapar elementos dissonantes, que comunicam a diferença, equivocando o jornalismo. Como visto no mapeamento, o *jornalismo em equívoco* não opera por dicotomias, ou sendo ou não sendo. Ele opera por aproximações, uma espécie de

gradiente em que é possível medir graus de *equivoco*. No caso do mapeamento das duas revistas eletrônicas, não se trata de dizer qual fez o jornalismo em equívoco e qual não o fez; qual se aproximou dele e qual dele se distanciou. As duas purificaram e traduziram, em momentos distintos e em graus diferentes. O Fantástico e o Domingo Espetacular são duas perspectivas distintas.

Mas como não se trata de uma dicotomia, duas perspectivas opostas, pode-se considerar um terceiro ator no mapeamento, o presidente Bolsonaro. Apesar das duas revistas eletrônicas se aproximarem ou se distanciarem das falas do presidente, nenhuma das duas concordou com ele em todos os aspectos. Bolsonaro, portanto, foi uma terceira perspectiva, um terceiro lado, uma terceira margem do mapeamento. No Perspectivismo Ameríndio, a teoria de Viveiros de Castro, não há uma dicotomia, um *nós versus eles*, *ocidentais versus indígenas*. Muito pelo contrário, os indígenas não são apenas um agente maciço da rede, e sim um conjunto de perspectivas. As diferenças entre as perspectivas de grupos distintos de indígenas podem ser tão grandes quanto as diferenças entre um grupo específico de indígenas e a sociedade ocidental. Da mesma forma, quantos atores considerássemos no mapeamento, seria o número de perspectivas diferentes que encontraríamos.

Quando dizemos que o *jornalismo em equívoco* não opera por dicotomia, significa principalmente que não há uma prática totalmente em *equivoco* nem uma prática sem nenhuma tradução. O que existem são tons, matizes; um degradê, uma paleta de cores entre a purificação e a tradução. O jornalismo em equívoco é o Corpo sem Órgãos² do jornalismo, ao qual “não se chega,

² Corpo sem Órgãos é um conceito de Deleuze e Guattari, apresentado no volume 3 do Mil Platôs. Para

esses autores, o organismo é uma organização dos órgãos, uma organização do corpo que visa determinado fim, uma sobre-codificação que ordena seu

não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 27); é antes uma direção, um norte, um vetor. Um jornalismo totalmente equivocado, que trabalhasse apenas por meio da tradução, apenas através do modo diferenciante, seria um jornalismo incompreensível. Sem um pouco de repertório, de purificação, de organismo, o jornalismo se dissolveria em um conjunto de símbolos desconexos.

Como no caso do Corpo sem Órgãos, perder totalmente o organismo, desestratificar-se completamente, significa uma destruição do corpo, assim um jornalismo em equívoco totalmente equivocado implica numa destruição da razão de ser da profissão, uma prática que não comunica nada. Assim como os modos coletivizante e diferenciante não operam separadamente, antes estão presentes em todas as culturas, embora em graus diferentes, é importante medir as doses necessárias de purificação e tradução na prática jornalística. Assim como o Perspectivismo Ameríndio é um método de equivocação controlada, o *jornalismo em equívoco* precisa descobrir a receita, a alquimia exata entre as doses de diferenciação e coletivização necessárias em cada matéria. Assim como o xamã tem a capacidade invejável de acessar outras perspectivas, e a qualidade ainda mais invejável de retornar à perspectiva inicial, assim o *jornalismo em equívoco* precisa retornar para traduzir.

Porém, o *equívoco* é importante. Com a emergência de novos agentes e novos grupos políticos, o jornalismo pode não dar conta de abranger toda a rede. Neste sentido, o Fantástico, apesar da insistente redução dos fatos apenas à ciência, abriu mais brechas, deixou escapar o controle da narrativa por vezes se equivocando,

funcionamento. O Corpo sem Órgãos seria a abolição não dos órgãos, mas do organismo: um corpo livre, não

atravessando a fronteira até a perspectiva política, habitando este terceiro espaço, o entre. O Domingo Espetacular também fez esta operação, mesmo que de modo mais tímido, transitando menos vezes. Quando este tipo de trânsito não acontece, há o risco da prática se transformar em um jornalismo de nichos, incapaz de acessar diferentes perspectivas. Acreditamos que um possível *jornalismo em equívoco*, forjado a partir dos trânsitos que já são operados nas narrativas disponíveis hoje, possa oferecer a chave para compreender os diferentes mundos, traduzindo-os uns para os outros. Acreditamos também que esse jornalismo(s) múltiplo, que se transforma o tempo todo, possa ajudar a criar mundos possíveis. Aílton Krenak (2019) disse: “É a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”. E é isso que os jornalistas fazem: contam histórias. Para segurar a queda do céu, para adiar o fim do mundo.

Nota

Este trabalho é resultado de uma investigação feita durante os de 2020 e 2021, no projeto de Iniciação Científica "O jornalismo em equívoco e o fim do mundo: construção de uma abordagem para pensar a pandemia do Coronavírus e o caos no Brasil a partir do noticiário de TV", com bolsa do Programa de Iniciação à Pesquisa, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

determinado, não sobrecodificado, que não visa nenhum fim pré-estabelecido.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

Bird-David, Nurit. Animismo Revisitado: pessoa, meio ambiente e epistemologia relacional. **Debates do NER**, v. 19, n. 35, p. 93-171, jan/jul. 2019.

BORGES, Jorge Luís. **Ficciones**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1944.

CAROLINA Ferraz mostra a adaptação dos restaurantes para reabrir em meio à pandemia. 12 jul. 2020. 1 vídeo. **R7 (site)**. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/carolina-ferraz-mostra-a-adaptacao-dos-restaurantes-para-reabrir-em-meio-a-pandemia-12072020>. Acesso em: 25 fev. 2022. 21

CASTRO, Eduardo Viveiros de. A antropologia perspectivista e o método de equivocação controlada. **Aceno**: Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 5, n. 10, p. 247-264, ago/dez. 2018.

CONSÓRCIO de veículos de imprensa completa 500 dias de trabalho colaborativo. **Folha de São Paulo**, 20 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/consorcio-de-veiculos-de-imprensa-completa-500-dias-de-trabalho-colaborativo.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CORONAVÍRUS Brasil. **Ministério da Saúde**, site, sem data. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.

FANTÁSTICO, edição de domingo, 15/03/2020. 15 mar. 2020a. 1 vídeo. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8401375/>. Acesso em 25 fev. 2022.

FANTÁSTICO, edição de domingo, 17/05/2020. 17 maio 2020b. 1 vídeo. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8559856/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

FANTÁSTICO, edição de domingo, 29/03/2020. 29 mar. 2020c. 1 vídeo. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8441339/>. Acesso em 25 fev. 2022.

FANTÁSTICO, edição de domingo, 22/03/2020. 22 mar. 2020d. 1 vídeo. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421749/>. Acesso em 25 fev. 2022.

FANTÁSTICO, edição de domingo, 12/07/2020. 12 jul. 2020e. 1 vídeo. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8692770/>. Acesso em 25 fev. 2022.

FELICIANO, Marco. Como diria Castro Alves: A PRAÇA É DO POVO, COMO O CÉU É DO CONDOR! Contra tudo e contra todos, contra todo o sistema que se mobilizou para impedir, AS MANIFESTAÇÕES PRÓ-BOLSONARO SÃO MANTIDAS EM 259 CIDADES! #BolsonaroDay em 1º lugar no Twitter! #DeculpeJairMasEuFui. 14 mar. 2020. **Twitter**: @marcofeliciano. Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1239181718067838976>. Acesso em: 25 fev. 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de PERRONE-MOISÉS, Beatriz. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAIA, Evandro José Medeiros. **O jornalismo em equívoco: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_elaiia_2016.pdf. Acesso em: 21 out. 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

GUIMARÃES, Lara Linhalis; LAIA, Evandro José Medeiros. Comunicação pelo equívoco: anotações para uma teoria antropológico-comunicacional. In: MARTINS, Moisés de Lemos; OLIVEIRA, Madalena (ed.). **Comunicação Ibero-Americana**: os desafios da internacionalização. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014, p. 4329-4341.

PROGRAMA de 15/03/2020. 15 mar. 2020a. 18 vídeos. **Domingo Espetacular (canal do Youtube)**. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLTiTta8KVmu6bLXP R-AfloBgRovFph44>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PROGRAMA de 17/05/2020. 17 maio 2020b. 11 vídeos. **Domingo Espetacular (canal do Youtube)**. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLTiTta8KVmsVPW-gPvNFy2zISYi7U1rw>. Acesso em: 25 fev. 2022.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.